

# O papel do revisor de textos em relação aos aspectos estéticos e pragmáticos em construções literárias<sup>1</sup>

Tatyane Pâmella Ribeiro de Freitas<sup>2</sup>

Ronaldo Junior Santos Dias<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivos fazer uma análise reflexiva acerca da atuação do revisor de textos literários, mostrando os efeitos que uma revisão apenas linguística pode trazer, e problematizar a ineficiência de programas e aplicativos digitais de revisão textual. A nossa discussão ancora-se em autores como Ribeiro (2004), Gomide e Gomide Filho (2015), Cayser, Crestani e Diedrich (2016), Volochínov (2017), Benveniste (2005), Perpétua e Guimarães (2010), Russo (2015), Decat (2004), Arrigucci (2010), Coelho Neto (2013) e Eco (1994). Verificamos, ainda, seis trechos literários dos autores José Saramago, Machado de Assis, Geovani Martins, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa, para evidenciar algumas estratégias estéticas e como a atuação do revisor deve ser feita nesses textos.

**Palavras-chave:** Revisão de textos. Literatura. Licença poética. Papel do revisor. Estética literária.

## The role of the proofreader on aesthetic and pragmatic aspects of literary construction

### ABSTRACT

This article aims to perform a reflective analysis about the work of literary proofreaders, showing the effects that a linguistic proofreading alone can bring. Our discussion is based on authors such as Ribeiro (2004), Gomide and Gomide Filho (2015), Cayser, Crestani and Diedrich (2016), Volochínov (2017), Benveniste (2005), Perpétua and Guimarães (2010), Russo (2015), Decat (2004), Arrigucci (2010), Coelho Neto (2013) and Eco (1994). We also have verified six literary excerpts of writers such as João Guimarães Rosa, Geovani Martins, Clarice Lispector, José Saramago and Machado de Assis to highlight the aesthetic strategies, and the way that the proofreader's work should be done in these kinds of texts.

**Keywords:** Proofreading. Literature. Poetic license. Proofreading role. Literary aesthetics.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A prática de revisão de textos é um campo de atuação amplo, que requer diferentes olhares e estratégias dos profissionais do texto. Há revisões de diferentes

---

<sup>1</sup> Este artigo foi produzido a partir de prática investigativa no bojo da disciplina “Práticas de Revisão de Textos”, do Bacharelado em Letras da PUC Minas, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ev'Angela B. R. de Barros, no 2º semestre de 2018.

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora de Língua Portuguesa na rede estadual de Contagem. E-mail: tatyane\_pamella@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor de Língua Portuguesa na rede estadual de Belo Horizonte. E-mail: ronaldofrisson@gmail.com.

gêneros, como os acadêmicos e/ou científicos, os jornalísticos, os literários, etc. Esta última esfera, por sua vez, tem peculiaridades estéticas, e, também, é constituída por hibridações<sup>4</sup>, podendo abranger outros gêneros. Assim, os gêneros literários exigem um profissional de revisão que disponha de conhecimentos inerentes ao gênero para revisá-los adequadamente.

Revisar um texto pressupõe muitas habilidades de um revisor, sendo que cada gênero tem sua especificidade. O texto literário talvez seja um dos mais singulares nesse sentido, visto que nele está em jogo a subjetividade do autor, e, além disso, esse tipo de texto pode se construir de formas distantes das preconizadas pela gramática tradicional, a depender das intenções do escritor.

Considerando esses aspectos, este artigo pretende explicar aspectos acerca das formas de se revisar textos literários e realizar uma análise reflexiva no que tange à prática de revisão de textos nesse âmbito, mostrando os efeitos que uma revisão apenas linguística pode trazer. Mostraremos, assim, alguns textos que demandam certos cuidados adicionais do revisor.

Esta pesquisa faz-se importante, pois busca demonstrar que a postura de um profissional do texto diante de um texto literário deve ser não apenas diferente daquela adotada em relação ao texto acadêmico/científico, mas também cuidadosa e atenta diante das especificidades desse gênero. Consideramos necessária a compreensão dos estilos e das construções textuais – que se refletem nas escolhas feitas na semântica, na sintaxe – para realização de bom trabalho frente às infinitas possibilidades com as formas produzidas nesse gênero; isso demanda ao revisor aptidão para atuar num campo que é, às vezes, muito diverso e até ambíguo. Assim, ao sinalizar em nossas análises momentos em que escritores fogem das regras ou convenções sociais e/ou linguísticas, de maneira intencional e criativa, possibilitamos ao revisor o desenvolvimento da sua habilidade de revisar, de forma inteligente, o texto literário.

Outra motivação para o nosso trabalho é a ineficiência de programas e aplicativos digitais atuais, que fazem a revisão textual presa aos aspectos sintáticos, não sendo capazes, portanto, de revisar aspectos semânticos relacionados à construção de diferentes possibilidades de sentido, fato que torna a função do revisor insubstituível.

---

<sup>4</sup> O conceito de hibridação que utilizamos se baseia em Canclini (2015), que define o termo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Nesse sentido, a hibridação em textos literários pode ser entendida como gêneros diversos que se combinam formando novos significados. (CANCLINI, 2015, p.5).

Assim, há a necessidade de valorizar e capacitar os profissionais da revisão de textos, especialmente os que têm a complexa missão de revisar textos literários.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, abordaremos sobre o campo da revisão textual e suas implicações; na subseção 2.1, trataremos das questões que circundam o olhar atento e ponderado do revisor para o texto literário; na subseção 2.2, abordaremos a relação do autor do texto literário com o revisor do texto; na seção 3, analisaremos reflexivamente seis trechos de obras como "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" de José Saramago, "Memórias Póstumas de Brás Cubas" de Machado de Assis, "Rolézim" de Geovani Martins, "A hora da estrela" de Clarice Lispector e "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa. Por fim, na seção 4, faremos uma reflexão sobre a análise dos trechos literários e, também, sobre a atuação do profissional do texto nesse campo; e na seção 5, traremos as nossas considerações finais acerca do tema e do *corpus*.

## **2 O CAMPO DA REVISÃO TEXTUAL**

A revisão de textos pode ser considerada como uma etapa fundamental no processo de escrita de um determinado texto, seja para publicação, seja para ser submetido a uma banca. Essa atuação envolve a correção de erros gramaticais, linguísticos, semânticos, pragmáticos e, algumas vezes, estilísticos. Assim, observa-se que o trabalho desse profissional não é menor, nem menos importante; ele é tão importante como o trabalho do autor.

Ribeiro (2009) aponta que, na área de revisão de textos, existe um problema em definir as diferenças entre algumas funções, como a do editor de textos e do revisor. Isso ocorre porque a linha que os separa é tênue. O editor está mais voltado às mudanças profundas no texto e à veiculação deste na mídia, e o revisor está mais relacionado aos aspectos linguístico-textuais de determinado texto. No entanto, essas duas funções podem não ser segmentadas, pois o trabalho do editor, muitas vezes, perpassa os aspectos linguísticos, e o do revisor pode exigir um contato com a diagramação e a finalização do texto.

Para ficar mais clara a distinção entre as atuações dos profissionais do texto, Ribeiro (2009) reitera que:

editores de texto reescrevem (e até retextualizam) originais que serão diagramados. Revisores (corretores) verificam aspectos do texto (e de suas articulações com o layout e a imagem, por exemplo, para ficar só no suporte impresso) que ainda precisam ser verificados, conforme parâmetros de gênero e circulação dados pelo projeto editorial. (RIBEIRO, 2009, p. 4).

O editor, então, entra muito mais no texto do que o revisor, por exemplo, visto que aquele pode, inclusive, retextualizá-lo, isto é, transformar um texto oral em um texto escrito ou vice-versa. Esse profissional, portanto, pode atuar como uma espécie de copidesque, quase como um coautor.

Quanto à atuação dos profissionais no texto, há uma questão que precisa ser evidenciada: quem define, muitas vezes, o nível de interferência do revisor no texto é o próprio autor. De acordo com Gomide e Gomide Filho (2015),

há clientes que, já de início, concedem ao revisor liberdade irrestrita; há clientes que privilegiam procedimentos de revisão relacionados a uma leitura crítica, voltada para a coerência teórico-metodológica do texto; e há outros, ainda, que solicitam sinalizações de toda e qualquer alteração feita no texto para sua posterior verificação e aceitação. (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 341).

Constata-se, então, que, além da definição do nível de interferência, o autor também escolhe o método de revisão que o atenderá da melhor maneira possível. Por isso, recomenda-se que sempre haja diálogo constante entre revisor e autor, a menos que o autor queira o trabalho sem marcações, pronto para a impressão e/ou publicação.

Existem quatro formas de intervenção que o revisor pode fazer em um texto: resolutiva, indicativa, classificatória e textual-interativa. A resolutiva ocorre quando o propósito é entregar o texto pronto para o autor, sem intenções didáticas de ensiná-lo a aprimorar as suas habilidades de escrita. Com as palavras de Cayser, Crestani e Diedrich (2016), esse tipo de revisão “tem-se o que mais se aproxima, de fato, da acepção da expressão correção de texto, distanciando-se, assim, do que se entende por avaliar o texto” (CAYSER; CRESTANI; DIEDRICH, 2016, p. 1422).

A revisão indicativa tem o objetivo de apenas assinalar para o autor o que precisa ser revisto por ele, e pode ser feita com sublinhados, riscos, círculos, setas; e a classificatória funciona por meio de códigos combinados entre autor e revisor. “São alguns exemplos de símbolos: M (minúscula); CP (colocação pronominal); EF (estrutura da frase); EI (erro de informação)” (CAYSER; CRESTANI; DIEDRICH, 2016, p. 1424).

Por fim, tem-se a revisão textual-iterativa, que abarca, além de resoluções e indicações, comentários que podem auxiliar o autor a aperfeiçoar a escrita, e, até mesmo, a reescrita de algum trecho confuso. Esse tipo de intervenção está sendo bastante utilizada atualmente, porque ela tem o objetivo pedagógico de ensinar a escrever, além de corrigir. Por isso, a maioria das plataformas digitais que corrigem redações para as escolas exigem dos revisores uma revisão textual-iterativa.

Outra faceta da revisão de textos engloba o conhecimento do revisor em reconhecer e diferenciar uma orquestração de vozes que foi realizada de maneira adequada de uma que não foi bem articulada. Por isso, concordamos com Volochínov (2006) quando reforça que:

É evidente que o processo não se realiza diretamente sob a forma de discurso direto ou indireto. Essas formas são apenas esquemas padronizados para citar o discurso. Mas esses esquemas e suas variantes só podem ter surgido e tomado forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de outrem. (VOLOCHÍNOV, 2006, p. 150).

A apreensão do discurso de outrem, segundo o autor, revela como o leitor recebe e apreende internamente o discurso de outro, isto é, como se entende e como se repassa esse discurso. Além disso, esse processo determinará a forma como o discurso será transmitido, se em forma de afirmação ou refutação. Observa-se, então, que o autor precisa dominar as estratégias discursivas que perpassam as diversas vozes que compõem um discurso. No entanto, muitas vezes, a citação direta, indireta ou indireta livre é realizada de forma inadequada, seja por introdução de citação má articulada, seja pela utilização exacerbada de ditos do outro que podem, inclusive, deixar o texto “poluído”.

Dessa forma, o revisor deve estar atento a esses detalhes, que, muitas vezes, passam despercebidos, haja vista os vários textos publicados, inclusive por pessoas com títulos importantes, com problema de orquestração de vozes. Vejamos o exemplo a seguir:

Tais formas remetem sempre à enunciação, a cada vez única. Assim, elas explicitam a relação entre a enunciação e a intersubjetividade própria da **comunicação**: “É identificando-se como pessoa única pronunciando eu que cada um dos locutores se propõe alternadamente como ‘sujeito’”. (BENVENISTE, 2005, p. 280-281, grifo do autor).

No exemplo, podemos visualizar um problema de articulação na forma de introduzir a citação. Esse problema poderia ser resolvido, por exemplo, com a inserção do conectivo “pois”: (... e a intersubjetividade própria da comunicação, **pois** “é identificando-se como pessoa única...”). Portanto, é fundamental que o revisor atente para a forma como as citações estão sendo introduzidas e, também, para como elas estão sendo explicadas nos textos, uma vez que não são autoexplicativas e precisam de uma argumentação que as justifique. Dessa forma, o texto pode ficar muito mais articulado e compreensível.

## **2.1 As especificidades da escrita literária e o papel do revisor**

A revisão textual de gêneros literários exige, além de conhecimentos pragmáticos (leitura de mundo), conhecimentos gramaticais e linguísticos, um repertório literário abrangente. Nesse sentido, o revisor só poderá encontrar incoerências referenciais de ordem literária, por exemplo, se tiver leituras e/ou contato prévio com as obras e os autores referenciados.

Consoante Perpétua e Guimarães (2010), a exigência do repertório literário remete o revisor a um processo mnemônico, ou seja, um processo de memória que se refere tanto às leituras feitas ao longo da vida quanto à leitura da obra em si. Em outras palavras, esse processo requer do revisor uma memória aguçada para lembrar, além de outros fatores importantes, de eventos e/ou personagens que podem ter sido esquecidos ao longo da narrativa, para, assim, fazer a intervenção juntamente com o autor do texto.

Segundo as autoras, o conhecimento de outros textos literários é fundamental, mas o conhecimento da teoria literária também é imprescindível, visto que as propostas de narrativa, métrica, ritmo, silêncio, pausa, podem ser estratégias estéticas que estão no cerne dos efeitos de sentido propostos pelo autor. No entanto, as pesquisadoras ainda observam que, mesmo com todos os conhecimentos pragmáticos e teóricos consolidados, a revisão de textos literários é uma construção. Cada texto e cada gênero revisado podem trazer surpresas que demandem uma saída da “zona de conforto” pelo revisor, para que o olhar sobre o texto seja ainda mais sensível no que diz respeito aos aspectos relativos, como estilo, escolhas lexicais, repetições, entre outros.

Outro aspecto fundamental que precisa ser destacado é a importância do revisor de texto, principalmente no texto literário. Atualmente, existem vários aplicativos e/ou sites como o *Flip 9*, *Orangoo*, *CorretorOrtográfico.com* que fazem a revisão ortográfica

e gramatical de textos diversos. No entanto, a reflexão que aqui se estabelece é que apenas o revisor, leitor primeiro da obra, tem capacidade para refletir, pensar e perceber incoerências no texto que vão além dos aspectos citados, no que se refere ao processo de construção semântica e a processos de ordem subjetiva utilizados na construção textual, competências que a máquina não tem.

Os *softwares* e/ou *sites* destinados à revisão de textos são feitos por meio de algoritmos - comandos gerenciadores - para que as funções de correção sejam ativadas, geralmente funcionando com comandos de condição, como o “se” e o “portanto”. Dessa forma, pode-se afirmar que essas revisões são feitas de forma automática, o que, muitas vezes, não é suficiente, principalmente em se tratando do texto literário.

A seguir, no trecho de Dom Casmurro de Machado de Assis, podemos observar um texto que exige conhecimento específico do revisor: “voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. *Dominus, non sum dignus...*”. O revisor, nesse caso, deve pesquisar a tradução do trecho em latim, para que entenda sua relação no contexto, e ainda deve verificar se a construção está de acordo com a escrita na língua original.

Já sabemos que a esfera literária abrange vários gêneros, e isso pressupõe as mais diversas especificidades, como as que evidenciaremos na seção 3; mas, de uma forma geral, podemos afirmar que, diante do texto literário e ainda da revisão como um todo, o revisor deve saber ler o texto e, nas suas diversas construções, ver como elas se justificam, ou seja, no texto literário, as construções e escolhas linguísticas e formais devem ter amparo em propósitos e possibilidades contextuais e relativas ao gênero.

No trecho acima, percebe-se que o uso do latim é feito por Bentinho (narrador), de acordo com o contexto, já que ele fazia aulas de latim quando era criança. Essa informação está contida na própria obra e o revisor deve estar atento a esses detalhes. O trecho em outra língua, portanto, não causa nenhum estranhamento quanto ao seu uso, nem mesmo na tradução, porque é coerente com a situação em que Bentinho e Capitu brincavam de missa. Nessa obra, ainda existe, em um dos seus rituais, a expressão “Senhor eu não sou digno” que, na época em que se ambienta a história, era pronunciada em latim.

O revisor sempre exercerá vários papéis no ato da revisão, principalmente no caso do gênero literário, pelo fato de este ser bastante híbrido. O profissional poderá atuar, até mesmo, como auxiliar do tradutor. Dito isso, vale lembrar a atenção que se

deve ter quanto às especificidades do texto, desde as construções estilísticas, aspectos relativos ao gênero, coesão entre as ideias, até a conhecida licença poética.

## 2. 2 A relação autor do texto literário x revisor

No momento da revisão de um texto literário, o revisor deve levar em consideração o contato com o autor desse texto, pois, muitas vezes, podem ser identificados períodos ambíguos, palavras que podem gerar um sentido indesejado, termos que podem ter sentidos diferentes em outras áreas, o que demanda uma verificação com o autor acerca do sentido correto que este deseja dar ao texto. Além disso, quando se fala em revisar o texto do outro, estamos lidando com a autoestima e a confiança desse sujeito. Assim, há a necessidade de se ter cautela na forma de abordá-lo, nas orientações feitas e, até mesmo, nas alterações linguísticas que serão realizadas.

O texto literário em si já é um texto mais sensível quanto ao estilo, às escolhas lexicais, aos hibridismos e ao “rompimento” com as regras da gramática normativa. Por esse motivo, o revisor deve ponderar sobre o material que lhe foi confiado, para que não interfira nos objetivos estéticos do texto.

Em consonância com as ideias propostas nesta seção, a nota editorial da editora Nova Fronteira, na publicação de 2015 do romance de formação **Grande Sertão: Veredas**, de João Guimarães Rosa, revela que acentos agudos dos ditongos abertos *ei* e *oi* de palavras paroxítonas, o circunflexo dos encontros vocálicos *ee* e *oo* foram retirados da obra, tendo em vista o novo acordo ortográfico, mas reitera que optou por não alterar a utilização do hífen nem os neologismos criados pelo autor, vista a importância dessas formas estéticas para a obra.

Vemos, então, a partir da nota, que o corpo editorial, bem como o revisor do texto teve extremo cuidado em revisá-lo para a publicação da nova edição de um trabalho tão esplêndido e de um autor tão célebre como Guimarães Rosa. Percebe-se, portanto, que, ainda que o autor não esteja mais vivo, a editora reconhece o valor da preservação da forma dessa obra para a literatura nacional brasileira.

Na literatura brasileira, houve escritores que se recusaram a submeter os seus textos ao olhar crítico de um terceiro antes da publicação, como é o caso de Cecília Meireles. A autora preferia, então, autorrevisar os seus textos, como forma de preservar a licença poética contida em suas obras.

A pesquisadora Russo (2015) apresentou, em seu artigo “Eu, revisor de mim: a escritura de Cecília Meireles revisada pela própria autora”, alguns versos da obra póstuma “Cânticos” de Cecília Meireles. Nos manuscritos encontrados, foram detectadas duas versões para o mesmo verso, que ainda não haviam sido escolhidas pela escritora. Dessa forma, o corpo editorial precisou escolher qual dos dois versos era o melhor para compor os poemas, atuando, então, como uma espécie de coautor, uma vez que interferiu no processo de criação do texto.

Raquel Guimarães, em uma entrevista no artigo de Almeida (2018), revela que:

a revisão de um texto não significa reescrevê-lo em outro estilo, ao contrário, significa aperfeiçoar o estilo daquele que escreve. A partir desta concepção defendo que o revisor não tenha uma atitude intervencionista, mas sim preservacionista. Cabe ao revisor alterar ou sugerir alterações naquilo que é absolutamente necessário. (GUIMARÃES *apud* ALMEIDA, 2018, p. 87).

Considerando esse pressuposto, percebe-se, cada vez mais, que o embate existente entre o autor e o revisor do texto ocorre, justamente, porque este, muitas vezes, quer intervir muito no texto, inclusive em trechos nos quais as alterações são dispensáveis. Portanto, é preciso que a visão do revisor de texto seja cuidadosa, para que o trabalho estético do autor seja preservado.

Ainda na entrevista citada, Guimarães (*apud* ALMEIDA, 2018, p. 90-91) afirma que “um desvio de concordância na voz de um personagem tem um efeito, na voz de um narrador, tem outro”. Sendo assim, o revisor precisa atentar para os efeitos de sentido que o texto literário quer propor para o leitor e analisar se o que está sendo proposto é cabível dentro dos efeitos possíveis.

Num texto literário, podem ser encontradas diversas estratégias estéticas e linguísticas para provocar determinados efeitos de sentido. No entanto, às vezes, desvios gramaticais podem ser cometidos por descuido e não por intencionalidade. Cabe, então, ao revisor analisar se a estratégia foi utilizada de maneira intencional, ou, até mesmo, entrar em contato com o autor para evitar qualquer tipo de “ruído” na versão final do texto.

Reiteramos que, mesmo com a preocupação da maioria das editoras com a revisão das obras publicadas, podem ser encontradas obras publicadas que têm graves problemas gramaticais e linguísticos, como esta: “**Há** que ponto cheguei, colocando anúncio em um jornal!”, em que o verbo haver está sendo utilizado de forma inadequada, pois deveria ser “A que ponto cheguei...”, e a vogal “**u**” de anúncio sem

acentos gráficos. Além do trecho citado, existem outros que estão com desvios gramaticais simples, o que revela que o texto, possivelmente, não foi revisado por um profissional da área. Outra frase que encontramos foi: “May foi à única garota que me interessei”, na qual se utilizou a crase de maneira inadequada.

Uma obra que venha a ser publicada com erros linguísticos graves pode causar estranhamentos e passar uma imagem de pouca credibilidade para o leitor, principalmente para o leitor que conhece as regras da língua portuguesa. Assim, percebe-se a falta que faz uma revisão realizada por um profissional do texto, que está sempre se dedicando a aprofundar nos estudos linguísticos. Não se trata, portanto, de um trabalho menor ou menos importante, mas fundamental para que a orquestração final do texto seja completa.

### 3 ANÁLISE DA LICENÇA POÉTICA EM TRECHOS LITERÁRIOS

Na análise dos trechos a seguir, o nosso foco será evidenciar as especificidades que devem ser observadas pelo revisor, de forma a compreender o porquê de tais construções literárias e a evitar fazer revisões, que, como mostraremos a seguir, seriam prejudiciais à riqueza e aos processos de sentidos sugeridos pelo escritor. Assim, se num gênero mais formal, tais trechos seriam inadequados, no literário ele pode ser substancial, como em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, obra que fica marcada por uma frase sublime de Machado de Assis (1994): “Marcela amou-me durante **quinze meses e onze contos réis**; nada menos” (veja análise no **TRECHO 2**).

#### a) Trecho 1

“E por ver quão trabalhoso era este regresso, olhando a mulher, a seu lado, teve um pensamento que o perturbou, que ela, ali adormecida, era verdadeiramente um corpo sem alma, que a alma não está presente no corpo que dorme, ou então não faz sentido que agradeçamos todos os dias a Deus por todos os dias no-la restituir quando acordamos, e nesta altura uma voz dentro de si **perguntou, O que é** que em nós sonha o que sonhamos, **Porventura** os sonhos são as lembranças que a alma tem do corpo, pensou a seguir, e isto era uma resposta” (**O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, José Saramago).

Na parte destacada, temos uma ruptura com as normas gramaticais previstas na gramática tradicional. O correto, segundo as normas preconizadas, seria “... uma voz dentro de si perguntou: o que é que em nós sonha o que sonhamos? Porventura...”. No entanto, o autor retira os dois pontos e coloca o artigo “o” em letra maiúscula. Essa forma de desconstrução abre margem para uma interpretação de que a letra maiúscula sugere a importância da voz - que é do próprio personagem - para ele mesmo, e deixa ambíguo se se trata de uma pergunta ou de uma resposta. O revisor não poderia corrigir esse trecho, haja vista a importância semântica que a ruptura traz para o texto. A forma construída pelo autor diz mais do que o conteúdo descrito, pois é ela que faz o deslocamento de sentidos no texto. Percebe-se, ainda, que há intencionalidade na ruptura com as normas gramaticais, uma vez que a marca estilística do autor é a não pontuação, o uso de termos anacrônicos, a criação de neologismos, entre outros.

#### **b) Trecho 2**

“...Marcela amou-me durante **quinze meses e onze contos réis**; nada menos.”  
(**Memórias Póstumas de Brás Cubas**, Machado de Assis)

Nesse trecho famoso da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis, do ponto de vista sintático, não há nenhuma inadequação a ser revisada, mas o fato que tornou essa afirmação da personagem tão lembrada na literatura está relacionado à questão da falta de paralelismo semântico (ou seja, a falta de simetria entre os conceitos relacionados). “Quinze meses” expressa ideia de tempo, mas a utilização do complemento “onze contos de réis”, que expressa, naturalmente, um conceito de outra categoria (valor monetário), poderia fazer esse trecho ser reprovado no ato da revisão.

Na interpretação mais aceita: Marcela o amou por interesse, pelo tempo em que seu dinheiro durou, e esse tempo é que está contido na afirmação; por isso, pode não ocorrer estranhamento na leitura, e o leitor é capaz de fazer associações com as possibilidades de sentido condensadas nessa forma de escrita.

O revisor, então, deve ser capaz de perceber, em primeira mão, as construções que, devidamente orquestradas, enriquecem uma obra literária. Dessa forma, a alteração do trecho de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** poderia anular todos os efeitos que o

escritor procurara estimular em seus leitores, além de reduzir a combinação de mais significados em uma única frase.

**c) Trecho 3**

“**Bagulho** era investir os dois **conto** no pão, **divulgar** um café e partir **pra** praia de barriga forrada. O que não dava era pra ficar **fritando** dentro de casa. **Calote** pra nós é lixo, **tu** tá ligado, o **desenrolo** é forte.” (Rolézim, Geovani Martins)

No trecho acima, as palavras destacadas representam a oralidade presente na literatura brasileira. As escolhas lexicais estão diretamente ligadas ao contexto da favela apresentado no conto, ou seja, essas escolhas fazem sentido e não podem ser alteradas com palavras que se encaixem na gramática normativa, porque o objetivo é marcar o local, a representatividade desse local na narrativa e os leitores os quais essa literatura busca. Geovane Martins, obviamente, além de se sentir pertencente à comunidade em que nasceu, também procura utilizar uma linguagem que seja local como forma de promover esse lugar por meio da literatura.

Ressaltamos que o estilo e/ou as escolhas sintáticas, semânticas e gramaticais num texto literário estruturam-se como estratégias que objetivam produzir determinados efeitos de sentido ou estimular as interpretações que partirão do leitor. Portanto, se, em um texto, o revisor alterar algum dos itens destacados, ele pode alterar as estratégias e os efeitos possíveis e, conseqüentemente, as interpretações do leitor.

**d) Trecho 4**

“Tudo isso, sim, a **história** é **história**. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a **palavra** é fruto da **palavra**. A **palavra** tem que se parecer com a **palavra**. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a **palavra** não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela.” (A Hora da Estrela, Clarice Lispector)

Fizemos uma reconstrução do verso de Lispector de forma a eliminar as repetições, utilizando pronomes anafóricos, e depois realizamos uma análise:

“Tudo isso, sim, **a história é ela mesma**. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto de **si mesma**. **Ela** tem que se parecer consigo. Atingi-**la** é o meu primeiro dever para comigo. E não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela”.

A gramática normativa considera a repetição prejudicial para a coerência do texto, uma vez que torna a leitura cansativa. Concordamos com essa afirmativa no que se refere aos textos de caráter não literário. No entanto, há outros tipos de texto (aqui o literário) em que essa estratégia é utilizada de forma intencional e de maneira que enriquece a semântica e os recursos linguísticos do texto; mas, ainda nesses, deve-se ter atenção para que não ocorram exageros ou conotações prolixas.

No trecho acima, o revisor deve atentar para o efeito de sentido que a repetição dos itens lexicais “palavra” e “história” propõe. Esse efeito de sentido focaliza os termos repetidos, e os outros sentidos “giram” em torno deles. Isso se traduz de forma poética no texto, o que promove efeitos extratextuais como a sonoridade, por exemplo. Assim, não se pode considerar substituir esses termos por anáforas, porque, sem a estratégia da repetição, o efeito não seria o mesmo.

Russo (2015) faz um apontamento muito progressivo em relação aos textos de Cecília Meireles que, também, justifica a construção desse trecho, apoiada em Damasceno (1986, p. 283), para quem “as escolhas lexicais revelam características marcantes no estilo da autora, que busca materializar a sinestesia em seus versos”. Concordando com a premissa citada, essa definição nos é cara, tanto no entendimento da literatura como objeto estético, quanto na necessidade do revisor ser sensível ao amálgama do texto literário.

#### e) Trecho 5

“Bastava vozear curto e mandar. **Ou** fazer aquele bom sorriso, debaixo dos bigodes, e falar, como falava constante, com um modo manso muito proveitoso [...]” – (**Grande Sertão: Veredas**, João Guimarães Rosa).

No trecho 5, temos uma oração desgarrada em “**Ou** fazer aquele bom sorriso...”. De acordo com a gramática normativa, não se pode iniciar uma sentença com determinadas conjunções, entretanto, Decat (2004, p. 86) destaca que o

“‘desgarramento’ de certas estruturas é uma decorrência da necessidade de destacar, de focalizar informações em função da argumentação”. Assim, percebe-se que há uma função intencional estratégica que faz o autor utilizar uma forma estética inusitada em detrimento da forma gramaticalmente correta. E, na literatura, é esse movimento de ruptura que dá vida aos textos. Portanto, o revisor não poderia corrigir essa forma, pois nos parece que o “ou” está funcionando como tópico da sentença, ou seja, ele é um constituinte focalizado e, se o foco é retirado, a estratégia se perde.

#### f) Trecho 6

“Olhei: aqueles **esmerados esmartes** olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse.”- (**Grande Sertão: Veredas**, João Guimarães Rosa).

Nesse trecho de Rosa, destacamos a criação do neologismo “esmartes”. Conforme David Arrigucci (2010, s/p), Guimarães Rosa “procura levar ao limite as potencialidades da língua, [...] sua linguagem é assim misturada, um amálgama de palavras velhas, de neologismos, de arcaísmos e de termos plurilingues”, como podemos observar no trecho acima. O autor faz uso de um adjetivo inglês (*smart*) que é aportuguesado para, segundo Arrigucci, “qualificar a vivacidade esperta dos olhos do menino (Diadorim)” (ARRIGUCCI, 2010, s/p).

Em relação à criação de palavras, Aristides Coelho Neto pontua que:

antes de mais nada, deverá ficar claro que o revisor não tem direito de criar palavras. Já o autor, sim. Há autores que encarnam com moderação o espírito de Guimarães Rosa. Mas há outros que criam desvairadamente, mesmo sem conhecer a imensa oferta de cerca de 400 mil vocábulos que existem no nosso português, e com o aval de dicionaristas. [...] Se o revisor estiver diante de palavras inventadas, este deverá verificar se existe um respaldo técnico para tais incursões no mundo da criatividade lexical. Se não houver, e se o revisor perceber que o autor está satisfazendo um capricho pessoal que não será alcançado cognitivamente pelo leitor, aquele deverá ser alertado, e este, poupado. (COELHO NETO, 2013, p. 80).

Pode-se dizer que Neto (2013) mostra como, na prática, tanto o revisor quanto o autor devem ter cuidado em relação aos neologismos, visto que um não pode desvairadamente impedir a expressão do outro, e este outro também não deve utilizar

recursos que não alcançarão a cognição do leitor. O revisor, portanto, deve perceber a validade ou nulidade de determinados neologismos.

#### **4 REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DOS TRECHOS LITERÁRIOS E SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DO TEXTO NESSE ÂMBITO**

Os textos literários analisados relacionam-se com a obra a qual pertencem de maneira coerente, mesmo que construídos de maneira específica. Ressaltamos que, na língua como um todo, as mudanças e os gêneros seguem tendências e leis que precisam ter essa coerência, que pode se dar de forma unicamente interna. Em relação ao estilo do autor, Perpétua e Guimarães (2010, p. 200) afirmam que:

podemos considerar a sua criação pessoal em todo domínio da língua: Conforme nos aponta Domício Proença Filho (1978), analisar um texto à luz da estilística é observar aspectos da seleção vocabular, aspectos ligados à sintaxe, aspectos semânticos. A partir disso pode-se dizer que o revisor, ao entrar em contato com o texto de um escritor, vai passar a perceber quais recursos o escritor utiliza e arquivar em sua memória de leitura o que seria o estilo do escritor que passa a conhecer. (PERPÉTUA; GUIMARÃES, 2010, p. 200).

É esse estilo que vai justificar e dar coerência às construções feitas pelo escritor, ou seja, é no interior do texto ou na esfera de suas obras que as especificidades vão se fundamentar.

Nesse sentido, Umberto Eco, em sua obra **Seis passeios pelos bosques da ficção**, alerta para a verossimilhança que deve haver no texto ficcional, de forma que, mesmo que se construa outra realidade, é necessário que se tenha uma lógica interna nessa, pois, caso contrário, ocorrerá o que Eco chama de textos que se autoinvalidam. Esse autor, então, os define como:

textos de ficção que demonstram sua própria impossibilidade. Assim como em Flatland, um autor pode dar existência ficcional a entidades possíveis valendo-se de “procedimentos de autenticação convencional”; contudo, “o *status* dessa existência é duvidoso porque a própria base do mecanismo de autenticação está solapada”. (ECO, 1994, p. 87).

O autor apresenta dados da obra *La Maison de rendezvous* (**A casa de encontros**), de Robbe-Grillet, em que o mesmo fato figura em várias versões conflitantes: “o mesmo local (Hong Kong) é e não é o cenário do romance; e os fatos são ordenados em sequências contraditórias (A precede B, B precede A): e, por fim, a

mesma entidade ficcional ressurgem em diversos modos existenciais” (ECO, 1994, p. 88). Esse é um caso extremo que exige atenção do revisor, mostrando a importância do diálogo com o autor, para que ele não faça algo ilógico, incoerente ou que passe longe da expressão estética.

De uma forma geral, recomendamos ao profissional da revisão de textos que busque sempre desenvolver suas aptidões e elevar sempre o seu grau de leitura e entendimento do texto, visto que, como nos casos exemplificados anteriormente, as situações que foram analisadas são recorrentes em muitos textos literários, como repetição de palavras, neologismos, regionalismos, questões de ordem sintática e semântica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que as análises dos trechos literários possibilitaram, neste estudo, reiteraram como o texto literário tem exigências para além de uma revisão linguística. É um desafio, portanto, para qualquer profissional do texto intervir em uma obra literária: um poema, um conto ou uma crônica que seja. Os gêneros literários sempre apresentaram estilos diversos e construções semânticas que destoam de outros tipos textuais, que podem ser coerentes ou não, conforme o contexto envolvido. O papel que nos é reservado, nesse caso, é “tutelar” o texto, além de revisá-lo.

Consoante a entrevista de Raquel Guimarães (*apud* ALMEIDA, 2018, 89), “o revisor [...] pode conduzir seu trabalho de modo a colaborar para que as potencialidades dos recursos utilizados pelo escritor sejam percebidas pelos leitores da obra”. A partir dessa afirmação, frisamos que o revisor não deve ser visto como um inimigo do autor de textos literários, mas como um aliado, alguém que pode fazer com que as estratégias estéticas, bem como a licença poética elevem ainda mais o discurso construído.

Reiteramos, portanto, a importância da atuação do revisor de textos no campo da literatura, de modo que a obra possa ter maior credibilidade, pelo fato de estar bem revisada em conjunto com a criação estética do escritor. Como já dissemos anteriormente, a ruptura com a gramática tradicional nos textos literários não é um problema, desde que seja identificada a intencionalidade e a relevância dessa prática. Não é à toa que Guimarães Rosa e José Saramago, por exemplo, tornaram-se tão famosos por suas obras, visto que os seus leitores reconhecem o valor estético (trabalho com a forma e o conteúdo) e os efeitos quanto à construção de sentido. Sendo assim,

percebe-se que o processo de escrita dessas obras, possivelmente, foi revisado por um profissional aliado do escritor.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Gisely Pereira de. A revisão do gênero literário: considerações sobre os caminhos entremeados de um texto. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 14, n. 20, 2018.
- ARRIGUCI JR. Davi. **O guardador de segredos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Dom casmurro**. Rio de Janeiro: O globo, 1997.
- CANCLINI, Nestor. As Culturas Híbridas em Tempos de Globalização. *In*: CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP. 2015. Coleção Ensaio Latino-americanos. p. XVII-XLIII.
- CAYSER, Elisane Regina; CRESTANI, Luciana Maria; DIEDRICH, Marlete Sandra. As formas de intervenção do professor no texto do aluno e a construção da intersubjetividade. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.13, n.3, 2016. ISSN 1984-8412. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2016v13n3p1415>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- COELHO NETO, Aristides. **Além da Revisão**. Distrito Federal: Editora Senac DF, 2013.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOMIDE, Renata Marques; GOMIDE FILHO, Sérgio Roberto. Considerações sobre a revisão profissional de textos acadêmico-científicos. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 337-355, 1º sem. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n36p337>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira; PERPÉTUA, Elzira Divina. A revisão do texto literário: um trabalho de memória. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 195-204, 1º sem. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4360/4505>. Acesso em: 02 out. 2018.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
- MARTINS, Geovani. **O Sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Revisão de textos e diálogo com o autor**: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 04-07 set. 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2050-1.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

RUSSO, Conceição da Silva Zacheu. Eu, revisor de mim: a escritura de Cecília Meireles revisada pela própria autora. **Cadernos CESPUC**. Belo Horizonte, n. 26, 2015. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2015n26p277/9259>. Acesso em: 24 out. 2018.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **O discurso de outrem**. In: VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.